

ROBSON BARENHO
VERSOS

DO VENTRE DA VIDA INTEIRA



EDITORA
JORNAL
DO MUNDO



Pra minha Rosalina e meu Calixto.

Sumário

DO VENTRE DA VIDA INTEIRA

ROBSON BARENHO

Livro 1

DO VENTRE DA VIDA INTEIRA 5

Livro 2

TROVA PEREGRINA 16

Livro 3

ROMANCES DE CAFUNDÓS 59

Livro 4

ALÉM-FRONTEIRAS..... 90

Livro 5

NEM FEIJÃO NEM ÁGUA 102

Livro 6

MEMORIAL DAS TREVAS 113

Canções

Parcerias e vídeos 121

Mais nômade do que urbano
trago emoções despertadas
no esplendor das alvoradas,
nos desafios cotidianos
que a vida e eu, mano a mano,
vencemos rasgando estradas

DO VENTRE DA VIDA INTEIRA

Livro 1

Canto I

Aqui me ponho a cantar
com a alma escancarada
como as fronteiras sem guarda,
os campos sem aramar
e a folia popular
que rebenta em batucadas;

mais urbano do que agrário
res guardei para este dia
o olhar de fantasia
que viu quando um operário
voou com pés de calcário
e asas de alvenaria;

mais nômade do que urbano
trago emoções despertadas
no esplendor das alvoradas,
nos desafios cotidianos
que a vida e eu, mano a mano,
vencemos rasgando estradas;

se as surpresas já são raras
muito ainda me fascina:
cada paixão repentina,
sabor de mel, noite clara,
o abraço em que a mãe ampara
seus guris e suas meninas,
luzes, praias nordestinas,
beduínas trilhando o Saara,
a utopia de Guevara,
maracatu, colombina,
a água animando a usina,
a flor tatuada em tua cara...

O meu verso, igual meu pão,
brota do aplauso que escuto
e, assim, meu canto é um tributo
que te rendo a prestação.
Toma lá meu coração
e esta milonga que é fruto
da imensidão do minuto
de espanto da multidão
ante o fragor da explosão
de girassóis num viaduto.

A certidão que garante
que sim, de fato, nasci,
omite que sobre o Chuí
girava lua minguante
e que um bruxo itinerante,
com aparência feliz,
comia falsos rubís,
cuspiam falsos diamantes;

fiscais e contrabandistas
brasileiros e orientais
cumpriam seus rituais
de não ver nem dar na vista;
prelúdios de acordeonistas
acalentavam casais
de peixes ornamentais
no aquário da trapezista;

antes que o outono se fosse,
feria abril a ameaça
de que o privasse de graça
um frio de inverno precoce;
os negros ainda de posse
de ancestrais crenças da raça
dançavam como quem caça
na quinta-feira de Oxóssi;

na ponta das alpargatas
meu pai andava e andava
procurando umas palavras
de utilidade imediata;
a meretriz que era beata
de um rendez-vous sem ressalvas
fingia-se estrela d'alva
pra os galos e os vira-latas.

Às vinte e duas em ponto
me desatei a chorar;
o mar seguiu sendo mar,
nem mais nem menos revoltoso,
e até o borracho mais tonto
de cada balcão de bar
notou o tempo arrastar
tal dia conforme os outros;

ganhei do ventre materno
vida, alimento e abrigo,
amor e os cinco sentidos
com que ainda me governo
rumo ao céu ou ao inferno
- se é que existem tais destinos.
Pra viver é que me animo.
Eu não sei nada de eterno.

Lagoa, oceano, planície,
campinas, dunas, palmares...
Nunca souberam Matisse,
Renoir, Monet, Portinari,
de onde esconjuro a barbárie
prevista no apocalipse.

Não vai nenhum dos flagelos,
não vão cruéis cavaleiros
– o do cavalo amarelo,
do branco, preto ou vermelho –
aniquilar o meu reino
vazio de muro e castelo.

Um dia, cigana ou fada
sábia de ver maravilhas
me disse que a grande amada
virá alumbrando as coxilhas,
despida sob mantilhas
no ocaso de tardes pardas;

que a gente do meu apreço
no solo de Pindorama
produzirá sempre o avesso
da dor, do revés, do drama –
como o lírio rompe a lama
e exala perfume espesso.

Mas vá que em vez das venturas
que a adivinha predisse,
desabem noites escuras
de perdição e sandice;
vá que a maldade enfeitice
as coisas e as criaturas.

Então, com restos de nós,
de lar, lavoura e jardim,
escombros de afeto e voz
e águas pluviais da Mirim
inverteremos o fim
da joia de cafundós.

Colônia do Sacramento,
Nova Iorque, Soledade...
Caminho em todas cidades
e mais naquelas que invento
desprovidas de cimento,
metais, minerais, madeira.
Afogados da Ingazeira,
Roma, Erechim, Budapeste.
Eu sou da estirpe que investe
em sonhos sem fundamento.

Luanda, Aceguá, Bombinhas,
Buenos Aires, Jaguarão...
Me alerta a grave impressão
de que as cidades são minhas.
Amsterdã, Cachoeirinha,
Paris, Canguçu, Belgrado.
É urgente adotar cuidados,
vigiar as autoridades,
dizimar a iniquidade
que anda empestando povoados.

Lajeado, Cairo, Rolante,
Barcelona, Vacaria...
Pobres na periferia,
miseráveis mais distantes.
São Gonçalo do Amarante,
Canaã dos Carajás...
Desconheço Satanás,
mas, ao supor que ele existe,
duvido que esteja triste
se a injustiça o satisfaz.

São bilhões ao deus-dará
— e haverá deus que interfira?
Belo Horizonte, Altamira,
Passo Fundo, Bogotá...
Vagueia aqui, como lá,
desplumado passaredo
que vive como em degredo,
como num tipo de exílio
em que a casa nega ao filho
o abrigo, o leite, o brinquedo.

De vez em quando, em floreios
de milongas indomadas
evoco noites passadas
com a amante que ainda não veio;
me entrego a esse devaneio
como atravesso um labirinto
onde me orienta o que sinto
e avanço pelo que creio;

eu acredito piamente
que viemos de um mesmo parto
– o tempo, o espaço, os astros,
o peixe, o pássaro, a gente...;
um parto sem precedente,
nem tardio, nem prematuro,
que impôs a luz sobre o escuro
e o porvir sobre o presente;

confio nos sentimentos
dos confins da espécie humana
– fundos de pampa ou savana
aberta a todos os ventos;
é nesses acampamentos
que cada um avalia
com que porção de poesia
vai fabricar seu sustento;

me acostumei à dieta
de comer quimeras cruas,
mas em porções de uma ou duas
só o desjejum se completa;
minha fome analfabeta
faz crer que até muito velho
me nutrirei do evangelho
segundo as musas e os poetas;

quando se cala um cantor,
creio inquietar-se uma fera
enquanto não se apodera
do açoite e do domador;
e tenho fé que onde eu for
nenhum autor terá escrito
o último verso bonito,
a última história de amor;

de vez em quando, em floreios
de milongas indomadas
evoco noites passadas
com a amante que ainda não veio
– dois animais sem rodeios:
afago, afã, fogo e gozo!...
Dois animais em repouso
mirando um cometa boêmio.

O jogo de ficar vivo
não é de sorte ou de azar.
É duelo sem similar,
não só porque sucessivo
mas porque, uma vez perdido,
nunca mais se há de jogar.

Talvez eu perca amanhã
depois de um beijo na boca
enquanto a pintora louca
manchar o rio Camaquã
com sobras de estrela anã
num quadro de arte barroca.

Pode que eu perca por doença
o jogo da sobrevida
ou com um tiro homicida
a adversária me vença
numa ponte de Florença
ou sobre a Calle Florida

No próximo carnaval,
quicá eu já não me exhiba
montado em ave que arriba
pra o verão do litoral
e me vista o enxoval
de água e lodo do Guaíba.

Mas até o fim da partida,
até que o duelo me esgote,
meu jogo é tentar que brote
da vida muito mais vida.
Quero mais do que a medida
dos sonhos de Dom Quixote.

Ruas de terra no Chuí,
ruas de água em Veneza,
polvadeiras, correntezas...
minha pátria é por aí
– Guadalquivir, Jacuí,
pampa, Marte e redondezas,
brisa em manhãs camponesas,
ocas de taba tupi,
Marquês de Sapucaí
sagrando negras princesas,
botequins de Fortaleza,
fandangos de Quarai...

Serenatas siderais,
mutirões nos arrabaldes,
passeatas por liberdade,
romances sem porto e cais;
cafundós e capitais,
cultivos da flor da idade,
provas de que as realidades
e as fábulas são iguais...
de tudo exponho sinais
e haverá outros que eu guarde,
porém nenhum de saudade
– a vida é curta demais

dispenso mapa e agenda
para o meu itinerário;
cumpro o rumo e o calendário
que o coração recomenda
e assim vadio nas sendas
de um beco interplanetário
e danço no aniversário
de algum herói sem comendas
e invado as trinta fazendas
onde um luar sedentário
é o único vestuário
que envolve os corpos das
prendas

a praia, a favela, o prado,
o povo, o horizonte, o charco,
a deusa em pé sobre o barco
que nunca esteve ancorado...
eu sou mais um no tablado
– azul e esférico palco –
tentando juntar os cacos
de versos despedaçados.

Yalorixá jogou
Yalorixá jogou
Yalorixá jogou três vezes os caurís
e Oxóssi assegurou que serei feliz

Procurei saber nos buzos
qual será o resultado
de derrubar aramados
que cercam terras sem uso
– hei de ser dono ou intruso?
– hei de ter cela ou roçado?

Vi todas terras e oceanos
montado em potros sem rédeas
(quatro mil e tantas léguas,
lar de oito bilhões de humanos)
– que será deste cigano
rebelado ante a miséria?

Mundo adentro tantas musas,
corpo afora imenso amor...
– que vai ser deste cantor
quando a voz, quase reclusa,
não puder ninar as viúvas
e as morenas sem pudor?

A um aprendiz de poeta
deve ser útil o estudo
para saber o conteúdo
de toda jura secreta
e a chama que se projeta
de cada amante desnudo;

saber a cor escondida
na lágrima não chorada;
qual sonho desvia a espada
e frustra o gesto suicida;
quanta semente de orquídea
germina em boca esfomeada;

saber com que vitaminas
pode, o amor, ser nutrido;
e se é de ouro, pedra ou vidro
o coração da menina
que despreza a bailarina,
mas lhe cobiça o vestido;

Para um poeta aprendiz
convém saber se a ternura
resiste na criatura
cujo criador não a quis;
e a origem da cicatriz
oculta sob a pintura

saber se, de um corpo em ruínas,
restam sólidas raízes;
e o desandar das atrizes
depois que fecha a cortina;
e onde é que fica a oficina
das tecelãs de arco-íris;

passear em todos mistérios
sem pressa de desvendá-los,
ensaiar jograis de galos,
propor o fim dos impérios
e em lombo de astro gaudério
prender-se à vida num pealo.

Tinha razão a parteira
de origem ignorada,
íris da cor de esmeralda
e jasmins na cabeleira:
nasci pra vencer fronteiras
como o calor vence a geada

Do Rio Grande a Nova Dehli,
Sevilha, Havana, Corrientes...
vejo nos povos, parentes
me inspirando a que desvele
memórias à flor da pele
e pétalas entre os dentes

de útil aos comerciantes
não produzo coisa alguma
e é oportuno que resuma
meu ofício itinerante:
eu enceno a vida adiante
da sombra, do breu, da bruma...

Se a luz que nos alumia
se fez de energia e poeira,
talvez uma estrela andeira
adote por companhia
esta milonga que é cria
do ventre da vida inteira.

Esta trova peregrina
não sacia o esfomeado
nem abranda frio e sede
nem ampara o desgraçado
mas lembra, de praça em praça:
povo é povo, gado é gado

TROVA PEREGRINA

Livro 2

Às senhoras e aos senhores
nutridos de almoço e janta,
sirvo agora voz e versos
que a alma impõe à garganta
como a vida exige sonhos
ao trabalhador que canta.

O trabalhador que canta,
mesmo com peito estropiado,
espalha por toda a pátria,
sob o lábaro estrelado,
que, apesar de haver quem
negue,
povo é povo, gado é gado.

Povo é povo, gado é gado
(faz falta que se repita,
como a luz do sol faz falta
pra ver-se a Terra bonita,
a lua em cor de ouro ou prata
e o céu em que se acredita).

O céu em que se acredita
é tal e qual imagina
a gente que sabe ao certo
a quê a vida se destina
– como não ousa o cantor
desta trova peregrina.

Esta trova peregrina
não sacia o esfomeado
nem abranda frio e sede
nem ampara o desgraçado,
mas lembra, de praça em praça:
povo é povo, gado é gado.

Tudo o que é vivo comigo
me faz seguir vida adentro.
E jamais ao desabrigo
e nunca por desalento.
Se tenho um sonho, persigo;
se não há sonho, eu invento.

Tudo que vive me anima:
cidades, gols, festivais,
a canção que mãe ensina,
o cheiro dos laranjais,
solidariedade e rima,
prosas do mundo andarilhas,
a luz vencendo a neblina,
o abraço das minhas filhas.
Tudo que tenho de estima
é vida, e faço partilha.

Tudo o que vive me anima:
risadas, peixes e potros,
o gosto das tangerinas,
índios e negros e outros,
lagoas, mãos, serpentinas,
lábios de caras pintadas,
tua nudez campesina,
tuas ânsias de namorada.
Tudo que tenho de estima,
noves fora vida, é nada.

Ando com ritas e edits
zecas, rosas e tinocos.
Somos da estirpe dos loucos
que ao viver não põem limites
e em tempo de fome bruta,
por safra mal dividida,
repartem um canto à vida
com cheiro e gosto de fruta.

Se queres viver, respira,
se queres mover-te, avoa,
mas pra acordar minha lira,
respeita minha pessoa.

Se podes ouvir, escuta
os alaridos dos guetos
de brancos e de amarelos
de vermelhos e de pretos
(quem sabe, arrebatem muros,
currais, correntes, cabrestos)

se podes ver, abre os olhos
e estende após as cortinas
a íris, o cristalino,
a pupila e a retina
(quem sabe, arrebatem noites
e misérias e ruínas)

Se queres viver, respira,
se queres mover-te, avoa,
mas pra acordar minha lira,
respeita minha pessoa
- um semeador do que eu queira,
sem patrão e sem patroa.

Fui feliz
de dança em dança, de par em par, sonho a sonho,
e infeliz
diante das guerras dos fiéis aos deuses e aos demônios;
disse não
quando o patrão ou algum capataz disse “cale!”;
sigo assim como vim
- e haja baile!

Nunca quis idade pra juntar saudade,
minha juventude aproveitei sem rédeas.
Cidadão decente, poeta delinquente,
me viro entre festas e tragédias.

De rebanho manso disparada é rara,
mas nem cães o alcançam
cada vez que ele dispara.

Se a primavera ainda perfuma,
manos, tomara que eu não durma.

Eis-me aqui: músculos nervos
e mais de duzentos ossos;
sem causa para remorso
sem obra de algum relevo
pés de valsa olhos negros
língua afiada lábios grossos
braços de afetos e esforços
asco e ódio ao cativo
vinte e oito dentes inteiros
e ociosos se não almoço;

sou eu, com medula sonhos
água sangue oxigênio
o peso de um quilo e meio
de massa dentro do crânio
células unhas neurônios
veias artérias e vasos
pele queimada ao acaso
roteiros de cão sem dono
glândulas ânsias hormônios
pênis e esperma e orgasmo;

cá estou: boca e orelhas
pulmão ferido a fumaça
duas cordas vocais falsas
e mais duas verdadeiras
voz rouca de orvalho e poeira
tempo sol farras arruaças
protestos contra mordanças
murmúrios às companheiras;

eis-me: carinho e escarro
sem cetro coroa ou trono;
alheio a santo e demônio
de pedra pau gesso barro...
talvez insano e bizarro
de tanto que me apaixono;
coração em pandemônio
bafo de vinho e cigarro;

vim; passaporte sem vistos,
asas aos ventos gerais;
alamedas lamaçais
roseirais ipês granito
bordéis palácios presídios
salões veredas currais
gentes coisas animais...
histórias fábulas mitos

eis-me aqui, depois de muitos,
entre muitos e antes de outros;
não me serve de conforto
que ao céu vão os bons e os
justos;
sob escárnio dos corruptos
agonizo junto aos probos;
sei: o sol nasce pra todos
mas serve aos reis mais que aos
súditos
e nunca foram os últimos
os donos de terra e de ouro.

Casas como nós- moradas claras;
ao redor de nós, festas e risos...
Venha vida, mesmo imaginária,
rumo a céu nenhum nem paraíso;
mesmo se acabarmos feito os índios
guarani, aymara...

Água, selva, campo e cordilheira
beiram as aldeias, as cidades
onde os povos de osso e sonho e carne
somos nós.

Vibra, vida, teus carnavais!
Venta, planta, brota mais!

Nada fere e dói além de um dia;
lar aberto, a Terra é nosso reino...
Venha vida, mesmo em fantasia
que faça do último, o primeiro,
como nenhum pobre, branco ou negro,
nunca foi, mas será.

Entre o que há de vir e bruta história
vivem, do Caribe à Patagônia,
povos de uma estirpe que ainda sonha.
Somos nós.

Arrebatado de paixão, que nem um tango,
e fantasiando quartas-feiras sem folia,
quase me esqueço tão alto é o preço
de batalhar pra ser feliz dia após dia

quando guri sonhei viver num mundo justo,
quando rapaz eu sonhei mais, com justa vida,
para que, adulto, cantasse muito
os bens do amor e outras preciosas maravilhas

Pierrô sonâmbulo evocando colombinas
borrei a máscara com lágrimas gaúchas,
guardava as minhas desde que tinha
fadas madrinhas pra espantar lobos e bruxas

ginete ao fim, ainda audaz, porém exausto,
acaricio o coração e apuro a vista:
vasto horizonte me chama adiante,
vou-me a galope porque quer a alma de artista.

Ai de nós, galos de aldeias,
se faltar a estas gargantas
voz que suba a cordilheira,
ligue os mares, corra a pampa;
sem a nossa voz quimérica,
ai de nós, florões da América.

Águas sem donos me lavam dos pés à cabeça,
crenças sem donos me levam a um lindo lugar
onde um país não termina nem outro começa
como interessa a quem quer dividir pra reinar

muros abismos cancelas arame farpado
ódio egoísmo cobiça e misérias demais
gente que chega ao presente amarrada ao passado
não cruza pontes nem montes, não abre currais

Pra flor selvagem das margens do arroio Chuí
nem mil bandeiras são mais do que um só colibri;
aves e ventos que cantam no rio Jaguarão
nem mil decretos e leis e quartéis calarão.

Fronteiras traçadas fechadas abertas
fronteira não é nada no avoar dos poetas;
fronteiras vigiadas povoadas desertas
fronteira não é nada no avoar dos poetas.

Se minha voz
em vez de nós tivesse luz,
eu te daria alegres cantos e surpresas,
rosas e dalias,
cores agrárias
do mês de abril e ensolaradas camponesas.

Se minha voz
ao te chamar fosse pintada,
tu me verias caminhar por toda a tela,
a derramar azuis na estrada
dos cafundós do coração à tua janela.

Pudesse a voz mudar cenários cotidianos,
impor-se aos olhos, descansá-los, iludí-los,
eu cantaria nunca mais dramas humanos,
nunca mais fome, nunca mais dores de exílio.

Pudesse o verso, feito bêbado travesso,
fingir o mundo, inverter tudo o que pisa,
te ninaria em vendavais como num berço
e te amaria em voz de calma feito brisa.

Nesta madrugada sonhei que chovia
uma sinfonia doida, desvairada
- de repente, batucada em romaria,
de repente, valsa imersa
em tromba d'água,
lírica milonga em baile à fantasia,
vanerão em lágrimas de adeus
à amada

No sonho mais rotineiro,
dos que me acordam feliz,
eu sou cantor e gaiteiro.
Sou o cantor e o gaiteiro
que, entre Alegrete e Paris,
inflama ardores de miss,
orgias de bagaceiros,
arrasta-pés galponeiros,
romances primaveris

No sonho mais desordeiro
com que a vida me confunde
eu sou cantor e gaiteiro.
Sou o cantor e o gaiteiro
que atíça vício e virtude,
duas flores da inquietude
sem fronteira e paradeiro
dos grotões sul-brasileiros
aos confins do mapa-múndi

Nos sonhos de desespero
com que a vida me provoca
eu sou cantor e gaiteiro.
Sou o cantor e o gaiteiro
na mansão e na maloca
vencendo a dor que sufoca
e arrombando o cativeiro
quando a música não toca.

Me alegre esta casa aberta
cheirosa de fruto e de flor,
povoada por gente honesta
e passaredo cantor

Somos de um país hoje assombrado
com milhões desempregados
bom futuro sempre adiado
mau passado a não passar;
ladram, mordem, babam cães insanos
e no charco em que atolamos
oxalá nasçam gerânios
e teimemos em semear

Céu, verte azuis
breu serve aos boçais

belo forte impávido colosso
é um país onde o almoço
chega ao piá e ao velho e ao moço
à guria à mãe à vó,
mas vamos pra trás mais do que adiante
somos a nação gigante
que de passo em passo errante
se embretou num cafundó.

Se acabar a estrada
pra meus pés descalços,
valso,
me alço até voar

eu teço horizontes
e não volto ao de ontem.
Gente
nasce é pra criar.

Movo estorvos, sorvo vida e vida,
vou de beco em beco e acho a saída.

Mando à parentalha
algo que lhe valha:
tralhas
e beijos pra ti;

amo essa querência,
tramo outra esperança,
salvo
mesmo as que perdi.

Ensolarados cafundós,
meu coração, teu coração
inventam festas de verão
entre buquês de girassóis

Se é de trevas outra vez a manhã
e nos fere tarde gris,
nós brotaremos luz

Iluminar a casa, a rua, o campo, o mar,
os olhos cheios d'água que se negam a secar;
clarear os becos d'alma, o breu que abriga o mal,
livrar-nos dos fantasmas no esplendor de um carnaval.

Haja flor, doce flor
que nos livre do amargor dos breus.
Haja luz, tanta luz
que desnude o mal rasgando os véus.

Meus iguais – os meus heróis –
ousem obras de paz,
maravilhas pra partilha,
pães pra quem faltem pães

aguaceiro que lave o ar,
anime a voz,
e outra vez vamos nós sem freios

de um cantor
não veremos
quem lhe dobre os joelhos;
nem virá,
prenda minha,
quem nos dobre a espinha.

Dias de vândima, noites de senzala

DO VENTRE DA VIDA INTEIRA

De tudo o que é humana invenção
nada me revolta mais que a
escravidão

besta em várias vestes,
peste planetária
que desgraça gente
urbana e agrária

De tudo o que é humana invenção
nada me envergonha mais que a
escravidão;
de tudo o que é humana invenção
nada me revolta mais que a
escravidão.

A cobiça explora,
crueldade açoita...
Nunca fecha a conta
dessa infame história;
a ganância anima
a barbárie instala
em dias de vândima
noites de senzala.

De tudo o que é
humana invenção
nada me revolta mais que a
escravidão.

Vem porque a carregam
- e até quando irão –
uns barões da terra
uns da construção,
uns barões da indústria
de confecção
uns que abatem matas
pra vender carvão...
Mandam nas chibatas
sempre as mesmas mãos.

O gaiteiro parou. Alvoreceu.
Ana teve vontade de chorar,
mas em vez de dizer então adeus,
desatou-se a dançar, dançar,
dançar.
Não queria a manhã que se
anunciou,
tanta noite gastou-se a esperar
a palavra, a promessa, o novo
amor
ou o nó que a ilusão sabe amarrar.

Era dia marcado a contragosto,
era o último baile do povoado,
era um olho molhado em cada
rosto,
outro olho festivo, rebelado.
Era música urgente, beijo urgente,
era lágrima em véspera de lago,
era dança na véspera da enchente.
Uma gaita calada era pecado.

E ninguém no salão largou seu par
nem viúvas, nem amantes, nem
irmãs.

O gaiteiro voltou a se animar.
A esperança e a fé são tecelãs.
Sabe lá, vão dar conta de tramar
mil auroras adiando mil manhãs.

O gaiteiro parou. Alvoreceu.
Mas que dia teria luz igual
ao olhar que brilhava em frente ao
meu
e à paixão que explodiu noutro
casal.
Quando as coxas mestiças de
Jandira
se enredaram em coxas mais
febris
houve juras eternas de mentira
pra guardar em retrato um par
feliz.

Era gente que iria pra fronteira
que divide o viver e a sobrevida
- um é água de rio, de cachoeira,
outra é água em represa,
reprimida.

Era busca de vida, era vertente
tanta lágrima em véspera de lago,
tanta dança na véspera da
enchente.

Uma gaita calada era pecado.

Pega os guris e vamos pra cidade
que a terra nossa, nossa já não é.
Era uma roça, talvez era um sonho
feito de milho e de feijão no pé.

Nega saudade, vamos pra cidade
cruzar esquinas, obras e igrejas.
Era uma festa, talvez era um sonho:
a plantação, a paixão, a cerveja...

Mas há que ter cuidado e trabalho novo,
senão o delegado nos prende por estorvo,
e a gente que saiu daqui querendo não sair
pode virar inútil por aí.

Pega os guris, os homens já chegaram
e a terra nossa, roça já não é.
Era uma graça, talvez era um sonho
feito de braço, de paixão e fé.

Chega de espera, vamos pra cidade
domar as feras, dominar a sina.
Era uma festa, uma graça, uma roça
ou talvez era um sonho que termina.

Mas há que ter marcado um dia de levantar
- se prende o delegado,
se manda em comandante;
e os homens que chegaram sem nada por cumprir
vão se dobrar um dia por aí.

Irineu anoiteceu antes do dia,
mas não foi porque queria, não, senhor,
é que em vida lhe roubaram a fatia
dessa terra que lhe dão por cobertor.

Fez comício, rebelião e romaria;
fez promessa e a primeira comunhão.
Irineu – ira, razão, fé e companhia
um e dois mais dois iguais cinco serão.

Essa conta é bem maior que a noite eterna
e se faz mesmo depois que ele anoitou.
Noves fora o poder de quem governa,
sobrevive o sonho em outro lavrador.

De companheiros

DO VENTRE DA VIDA INTEIRA

Um dos dois se declara gaiteiro
de um fandango de nunca acabar;
os amantes fiéis, os posseiros,
as fulanas e as prendas do lar,
quando chamam por esse parceiro
é sinal de que o povo inteiro quer dançar.
O povo quer dançar.

Um dos dois que é beato e romeiro
sindicatos se põe a semear;
os peões mais pacatos e ordeiros,
os valentes de roça e de bar,
quando chamam por esse parceiro
é sinal de que o povo inteiro quer lutar.
O povo quer lutar.

Me responda esta praça, ligeiro,
por quem chama sua voz popular.

Quem pode ousar olhares de vidente
talvez invente promissor destino
de que se apossem pares dessa gente
que em desespero acampou no Natalino.

E quem campear mais belos horizontes
talvez encontre a terra primitiva
onde se plantem flores e fatos
neste país que está cheirando a gente viva.

Mas se faltar melhor lugar e dia
que a fantasia popular anime ainda
o povo lá de Camaquã
que adora a irmã que a lua tem
noturna e linda.

Quem for pousar nos braços da estrangeira
que lá na feira come fogo e vidro
talvez na esteira da paixão primeira
se cubra em beijos de orquídeas e lírios

e quem cansar da louca bailarina
talvez na esquina durma ensolarado
em catre novo de purpurina
que a rua borda a cada namorado.

Melhor que sejas cantor, meu guri,
em qualquer tempo e rincão,
pra dar asilo ao amor por aí
ou animar rebelião

Quando ninguém puder mais resistir
a dor que atinge um vivente,
tenhas armado no peito, guri,
um verso de combatente;
mas se o campo ameaça florir
fora do prazo marcado,
há que semear sem demora, guri,
um verso de namorado.

Se a ganância de alguém conseguir
roubar do povo a querência,
tenhas no peito, guri,
um verso de resistência;
mas se teu coração descobrir
que há uma paixão a caminho,
tenhas nos lábios, guri,
um canto de passarinho.

Quando o piá for peão

ROBSON BARENHO

Precisa de valentia,
precisa de decisão,
precisa de fantasia
ou faltará profissão.

Ventania vai virar
quando o piá for peão.
Hoje só há garantia
de sete palmos de chão

E se fizer romaria
e se fizer rebelião
e se tiver companhia
não faltará solução

Ventania vai virar
quando o piá for peão.
Hoje só há garantia
de sete palmos de chão

Terá que ter pontaria,
terá que ter direção.
A vida não guarda dia
pra quem não tem produção,
só garante moradia
a sete palmos de chão.

Eu cheguei no trem das sete,
que mistura óleo e poesia.
Trouxe um canto que reflete
meu pago, minha utopia,
ou fere, qual canivete.

Lá nos confins de onde sou
não há quem mande sozinho,
não há quem decida nada
contrário ao bem dos vizinhos.
Ninguém se queixa pra o padre
nem aos outros desagrada.
E há um pelotão da Brigada
que vive na ociosidade.

Vi caminhões pela estrada
rumo a Rondônia ou Goiás.
Em vez de trigo ou boiada
levam Tonicos, Inás
que, tendo terra nenhuma,
mas planos, braços e pás,
seguem vento que perfuma
lutas que a vida refaz.

Decerto, chegam um dia
lá onde a angústia termina,
lá onde a terra sacia
a fome que aqui germina;
decerto, chegam um dia
nos campos, praças, esquinas,
lá onde se refugia
o meu amor por Cristina.

É novo o peão que roda,
é linda a prenda que dança,
é forte o canto da moda,
mais forte do que a esperança.

É bravo o canto da roda,
é caro, a quem planta, o trigo
e se este verso incomoda,
que os justos cantem comigo.

A força que tem meu verso
não é de meus braços finos.
É da lei que os campesinos
geraram por rebeldia.
É da mais grave agonia
que a desigualdade traz.
É do suor dos piás
que o patrão não avalia.

A força que tem meu verso
não veio do berço, não.
É força que a privação
impõe, criando infelizes.
É força que as cicatrizes
impõem, riscadas na gente.
É força que, de repente,
faz sementes e raízes.

Minha alma combatente
me faz parceira fiel
do soldado sem quartel
que revolve a terra crua,
que sangra e que não recua,
plantando pra não colher,
colhendo pra não comer,
marchando agora pra rua.

Mais do que o verso não trago
pra luta que agora travo.
Mais forte é o canto do escravo
que canta, embora as correntes.
E a lo largo, quando as mentes
se abrirem pra novas normas,
decerto virão reformas
brotadas destas sementes.

Um potro baio galopa
no rumo de meu olhar,
mas não tem potros a tropa
que ainda vejo a caminhar.
Quem dera que fosse xucra,
quem dera que fosse forte,
mas a força é de quem lucra
às custas de vida e morte.

No campo envolto em neblina
um boi brasino se esconde,
mas meu peito desatina
com ecos de não sei onde.
Quem dera, fossem de bandas,
quem dera, fossem de sinos,
mas são gritos de quem manda
desapropriando destinos.

Em truco e jogo de osso
a vida para um momento,
pois não há água de poço
que se agite com esse vento.
Quem dera, fosse ligeiro,
Quem dera que fosse novo,
mas vento não tem parceiro
e quebra aos passos do povo.

Meus olhos de boitatá
campeiam vida no escuro
querendo sempre alumiar
o caminho mais seguro.
Quem dera que fosse perto,
quem dera que fosse claro.
Mas eu, que rondo liberto,
alerto, canto e não paro.

Não há razão que se esconda,
não há sonho que suporte
- meus olhos andam em ronda
pra saber de vida e morte.

Terra fértil, água e mato,
fruto e flor, alvorecer.
Vasto pampa, vasto e vasto,
eu gosto de te querer,
mas vê que o rumo do rastro
de um povo que quer viver
de ti se afasta e me afasto
pra plantar e pra colher.

Vida não é tempo gasto.

Eu olho a lua na estrada
e perco o sono, saudoso
do gozo da fêmea amada,
do passaredo no pouso,
de tardezinhas serenas,
da roça plena de milho,
do berço à espera do filho,
do pôr-de-sol feito estampa.
Acho que a lua do pampa
acampou no meu exílio.

Eu olho a lua na estrada
e abraço a luz que me ilude
com febre de juventude,
perfume de madrugada.
Retorno à terra que eu tinha,
caminha o tempo ao avesso,
passo a esquecer que envelheço
e lembro que há quem me
queira.
Acho que a lua pampeira
noivou comigo em silêncio.

Tem um vigário que é gerente de bailão
neste rincão subversivo ou reacionário
onde vigora a lei que mais convém a nós,
semente ou povo dos ventres de cafundós.

Tem visionários, lavradores, lavadeiras,
tem vereadores e prefeito e eleição.
Há um vigia pra lua cheia
e uma folia libertária no verão.

O fim de mundo que te canto tem manias,
tem poesia e, portanto, insensatez.
É um deus-me-livre ou só uma alegoria
para que alguém diga depois
era uma vez.

Todos os currais estão fechados
e estão presas todas as paixões, morena.
Toda a valentia pra o que nada vale
está do outro lado, morena.

Todas as paixões marcadas,
todas as razões contidas,
todas as rebeliões, morena,
vão se libertar.

Todos os currais darão passagem pra o sol.
Todos os animais terão coragem.
Todos os iguais terão passagem pra o sul.
Oh sul do Brasil.

Os peões valentes, os farrapos,
as prisões candentes, novos guapos
- nem queiras saber, morena.

Que faz o povo concentrado em tantas praças?
Parece em frentes de trabalho noite e dia.
Eu, brasileiro, viro canteiros
para que brote a flor da democracia.

Virá de onde essa flor tão cobiçada,
qual namorada que a nação inteira assume?
Virá da luta que é minha e tua,
virá das ruas de suor, sangue e perfume.

O que é que diz a flagelada e rouca voz
que a esperança noutro canto recupera?
É o som das trovas de cafundós
a fecundar flores civis pra primavera.

O povo outra vez anda aí
de futuro na mão.
Quem a festa desfez, não desfaz
nossa fé em nosso chão.

Troca-se um despertador por um violão
troca-se mero favor por solução
troca-se um disco voador
por algum sonho de amor
compra-se um trabalhador
sem opinião

vende-se seja o que for a preço de custo
vende-se, a quem perdoou, o sono dos justos
vende-se um apartamento
vende-se um monumento
troca-se um breve momento de angústia

compra-se meia palavra
sem discussão
compra-se meia verdade
meia questão
compra-se boa vontade
compra-se um gesto que agrade
vende-se a dor que não cabe
a prestação.

Noite no mar – maré baixa
noite no chão – nova marcha
noites sem peixes e pães
noite no mar – poucas ondas
noite no chão – loucas rondas
noite de calma e de cães

por favor, um verso de Caymmi que ilumine esse chão,
por favor, um verso de Drummond pleno de sonho e de pão

noite no mar – uma estrela
noite no chão – a novela
noites de telas distintas
noite no mar – rede leve
noite no chão – uma greve
noites de bocas famintas

por favor, um verso de Caymmi – a mais sublime canção
por favor, um verso de Drummond cheio de peixe e paixão

noite no mar – os arpões
noite no chão – os ladrões
noites de tantas quadrilhas
noite no mar – sem temores
noite no chão – sem pudores
noites de santas famílias

por favor, um verso de Caymmi pra redimir mar e chão
por favor, um verso de Drummond em vez de alguma oração

noite no mar – vento forte
noite no chão – tiro e morte
noites de rezas e velas
noite de mar – lua cheia
noite no chão – não clareia
são noites verde-amarelas.

Pátria de verdes e azuis
onde andei, ando, andarei
- Taim, Arroio del Rey,
Atlântico, Árvore Só...;
querência de avô e de avó,
de mãe e pai, tios e tias;
há 24 mil dias
eu amo este cafundó.

Cresci mirando o horizonte
em todos pontos cardeais
e, entre iguais e desiguais,
repartindo afeto e pães
com o amor que herdamos das mães
além de gana e coragem;
voando com indomáveis
ventanias marinheiras
que desconhecem fronteiras
como as paixões também fazem.

Gurias que eu tanto quis
e quero e hei de querer;
hermanos desde anteayer
y hasta siempre, vida fuera;
comparsas de mil quimeras,
de ganhos e perdas d'alma;
butiás de uma mesma palma,
rebentos da mesma gente...
Arriba, sobreviventes!
Esperança é o que nos salva.

O povo de quem sou filho
me ensinou, pra vida inteira:
não tem mar ou cordilheira
que detenha um andarilho;
com certeza, existe exílio,
mas não há terra estrangeira.

O povo dos meus iguais
sova o pão de cada dia
fabricando fantasias
pra depois dos carnavais.

O povo de quem sou parte
ninguém dobra ou silencia;
e se a aurora se extravia
num apagão de obras de arte,
povaréu porta-estandarte
toma as ruas e alumia.

O povo que me pariu,
num abril de outono pleno,
alardeou: mais um moreno;
previu: menos um servil.

Vento sul anda em folia!
Parece o meu coração
festeiro de noite e dia
desde que o amor, com Luzia,
desembarcou na estação.

Veio do sol ou então
das veias da maresia
onde ela me beijaria
e um beija-flor – por que não?
de ciúme improvisaria
canções ao vento folião.

Vento sul anda em folia!
Me lembra Anita,
a lendária das terras que não possuía
mas, com os seus, dividia
plantando a reforma agrária
por chão de pães e poesia
onde ela produziria também o amor,
grão por grão,
e quando em cio – por que não?
vento vadio em folia.

Bailar com esse vento vão
mulheres de poesia e pão,
mulheres de roçados, vilarejos, capitais.
Mas esse par é como um peão
latino americano ou não;
é como peão sem pago
que se vai, se vai, se vai.

Manda o sentimento popular
que um galo exausto de ciranda
às vezes possa não cantar
mas sendo galo disposto a confusão
venho cantar num samba enredo
o ano 2000 e a tradição.

Quando o novo século chegar
em Ipanema vai se ouvir
o minuano à beira mar
oferecendo o sol pra ti.
Ó prenda minha, prenda minha
a brisa em que hoje te procuro
soprou lembranças que eu não tinha
me deu saudade do futuro.

Quando este milênio se for
eu quero ver noutro cenário
uma bandeira tricolor
inaugurando a era de aquário.
Ó verde pampa, menos verde
de tanto sangue derramado
verás que a gente não se perde
rompendo as cercas do passado.

A peonada a plantar
a tradição a colher
o minuano a buscar
cadê o futuro, cadê?
patrão nenhum vai te dar
futuro tem que fazer.

Adeus aos muros, feitos pra deter.
Patrões, adeus. É hora de arribar.
Talvez pudesse até sobreviver
como folião que teima em desvairar.
Mas sei que além da porta do galpão
um pouco além do preferido bar,
tem o futuro. Sou de arribação,
destino certo é todo aquele em que eu chegar.

Adeus, amor de nova solidão.
Se a tua febre arder, contagiar,
como arde o sol que queima este rincão,
o coração me mandará voltar.
Mas sei que além de um breve vanerão
e um pouco além do que se imaginar
tem o futuro. Sou de arribação,
quero a semente de outro canto popular.

Quero o mais belo horizonte,
mil beijos de arrepiar
e um verso que o povo cante
mesmo se a festa acabar.

Convivem nas oficinas
caturritas e buzinas,
gasolina e chimarrão.
A liberdade é uma fina flor
urbana e campesina,
os que não viram, verão.
Meu canto é fruto no asfalto,
mistura de indústria e mato,
de cimento e plantação.

Madrugam nas avenidas
iguais paixões que as nascidas
nos catres de cafundós.
Há exploração por comida
e o mesmo amor pela vida
antes do sonho ou após.
Meu verso é produto impuro,
mistura aramado e muro
buscando mais outra voz.

Eu tenho idade inexata
e um endereço por dia
onde me leva a poesia
que brota da minha gaita
e jorram, como em cascata,
memórias das minhas musas,
todas mestiças: cafuzas,
mamelucas e mulatas.

Se fosse de ouro e de prata
o tesouro que juntei,
eu não seria este rei
que sou com a minha gaita
- o rei de um reino sem datas,
sem armas e sem fronteiras,
sem hino, escudo, bandeira
- que nada disso faz falta.

Nunca sei do que se trata
quando dizem “fim de festa”
e se alguém desfaz a orquestra
mais resiste a minha gaita
e mais repito em voz alta
os versos que eu aprendi
do vasto mundo do Chuí
às paixões, ainda mais vastas.

Nem lã nem brim nem veludo,
é sonho o que me agasalha
e eu vou de baile a batalha,
peito aberto e pés desnudos.

Se o vento sopra meu fado
pra alguma estrada pequena,
outro destino me acena
e andamos de braços dados;

adiante, tanta gandaia,
tão generoso porvir,
capaz de até redimir
a gente da minha laia.

Nem lã nem brim nem veludo,
é sonho o que me agasalha
e eu vou de baile a batalha,
peito aberto e pés desnudos.

Se um monstro arrasa o batuque,
se a dor destroça o festejo,
saudades de abraço e beijo
talvez seja o que mais fique;

adiante, outro dia raia
abrindo mais um futuro
capaz de salvar do escuro
a gente da nossa laia.

Vamos, senhora, vamos por Beira-Rio e Maipu
– eu mais tu, João, José...-
por Jaguarão Bagé Machu Picchu Paysandu
(e haja mais chacarera
cumbia maracatu...)

Vamos, vizinha – Havana Uruguaiana Natal
litoral pampa céu
Vamos – Montevideú Cartagena pantanal
(e haja rumba flamenco
bolero carnaval...)

Vamos, comadre – vales águas estradas montes
dias e noites, sonhos até
Porto Alegre, La Paz, Barcelona, Belo Horizonte
(e haja frevo milonga
zamba forró balé...)

Vamos, amiga, vamos – aqui ali lá além
vida vem; venha mais!
Vamos pelo Uruguay que banhou teu par, teu bem
(e haja valsa batuque
xote fandango jazz...)

Dancem, povoados!
Dancem, cidades!
Dancemos nós – ralés!
Danem-se os fardos.
Sigam os bailes
mesmo sangrando os pés.

Eu imagino que viver feliz
seja o revés, seja o revés
de não semear as plantas dos meus pés
em todos palcos de cada país.

À flor e sol, a leite e mel
eu alimento o vício de sonhar
que assim na terra como no céu
nos sobra, enfim, um baile popular.

Eu canto aos ventos pra que minha voz,
cidade afora, campos afora,
sossegue a dor e o drama de quem chora
e alegre os dias dos que marcham sós.

A qualquer hora, se me deixa a paz
e falta luz, e falta luz
me acodem músicas que não compus,
me afaga um par – e eu canto e danço mais.

Eu ando a procurar pedras preciosas
como se garimpasse o meu delírio.
Não há parceiro que me leve a sério,
nem rio, nem montanha, nem mistério,
nem temporal, inundações ou tiro
que me detenha o passo se eu não quero

eu ando a procurar ouro, diamantes,
quem sabe, uma esmeralda ou um rubi;
quem sabe, o sal da terra, o mel da terra,
o rastro em que andarei perto de ti.

Semeio flor de baile, flor de estrada,
flores de carnaval, d'água e de lã,
flores de amores, flor que não se cheira
e a flor definitiva do amanhã.

Deve ser essa a flor que me desperta
diante do tempo que hoje me ameaça,
deve ser essa a flor do meu disfarce,
da fantasia que não abandono.
Hoje acordei cheirando a primavera,
por mais que a vida dê sinais de outono.

Venham então os bandolins, os cânticos,
os últimos românticos, as flautas,
as serenatas, todas serenatas,
os mágicos de circo e botequim.
Inda que a vida dê sinais de outono,
a primavera se apossou de mim.

A musa da última valsa
desliza.

Talvez não dances,
mas noite ou musa te abraça
se em cafundós tem romances

ROMANCES DE CAFUNDÓS

Livro 3

O guia dos vagalumes
já assobia.

Não demores,
que esta noite é de suores
de campesinos perfumes
e o mundo, então, se resume
aos cafundós e arredores.

A musa da última valsa
desliza.

Talvez não dances,
mas noite ou musa te abraça
se em cafundós tem romances.

Onde vi estrelas nuas e haraganas
quase iguais a ti
era um rancho ou um país
a nossa cama
nos confins do Chuí.

Eram línguas brasileira e castelhana
de sabor igual
numa festa tão bonita e tão profana
quanto o carnaval.

Eram homens e fuzís violando as rosas
violentando a luz
eram menos que as manhãs maravilhosas
que a paixão produz.

Um romance estrangeiro e suburbano
era igual ao dia.
Era claro como as noites em que amamos
e a democracia.

Ano inteiro a mesma cena
de currais, jardins, paióis...
A tesão por Madalena;
atenção pra os girassóis.

Mesma cena todo o ano:
a cozinha, o quarto, a sala...
A paixão por Zé Caetano;
e o patrão a desejá-la.

Galponeira ideologia
admite um desatino
quando o sonho se desvia
de seu provável destino
e se perde à revelia
num romance campesino.

mas ninguém desatinou
nesta história de paixão;
Zé Caetano é zelador
e o patrão ainda é patrão;
Madalena vende flores
nas ruas de Jaguarão.

Foi lindo, foi muito lindo!...
Meus olhos e o teu sorriso
se achavam perdendo o juízo,
e as peles, se confundindo;
a lua, em parto crescente,
por tantos cios invencíveis,
prateava o rio felizmente
parindo luares livres;

por perto ninguém cantava,
nem galo nem vento ou gente;
entre uma e outra palavra
marcavas meu peito a dentes,
rodeavas de aromas doces
meu colo, minha poesia
e o destino que eu queria,
como se nunca te fosses;

o mais bonito dos dias
há de ter, daquele encontro,
suspiros que o rio movia,
sinais de um corpo no outro,
mas cada noite chuvosa
vai lembrar que, ao me deixares,
a lua, em vez de luares,
pariu milonga amorosa.

Se não te faz feliz
a flor que brota nos currais
e sobrevive às patas dos baguais
que desafia,
eu cruzarei os campos,
eu chegarei ao mar
e hei de fazer brotar alguma flor
da maresia.

Se não te faz feliz
o verso que improviso,
se achas que preciso
de inspiração de trovador,
irei neste momento
num sonho ou pé de vento,
pra me inspirar no mar
que Garibaldi navegou.

Mas se te satisfaz a flor do chão,
se meu verso é capaz de te agradar,
me deixa aprofundar esta paixão
fazendo de teu corpo imenso mar,
tornando marinheiro este teu peão.

Nunca o sol, no oriente ou no ocidente,
nunca, no hemisfério norte ou sul,
o sol alumiou flor, ave ou gente
tão bonita igual teu corpo nu

Gaitas de Monteiro e de Borghetti
violões de Toneco e de Yamandu
inventam concerto ardente e agreste
festejando amores de eu e tu

esqueci o que é viver sem ti,
onde não te vi e como pude:
leva-me, guria, em teus encantos
por cem anos mais de juventude.

Caminhavas além da rua estreita
que a cidade suspeita seja o beco
onde três marinheiros, três suecos,
se mataram de amor por negra esbelta

caminhavas, qual deusa de uma seita,
uma ordem secreta em que o castigo
era não poder mais deitar contigo
entre azuis, uvas, brisas, borboletas...

Parecias a fera frente à presa,
não a meiga princesa ante o amado,
não a moça que sonha com noivado,
mas a viúva voraz, ávida fêmea

parecias a pássara vermelha
que o verão anunciava ao meu futuro,
quando iria te achar, mesmo no escuro,
mesmo tonto entre tiros e gardêlias.

Eu te vejo na rua em que não passas
te convido a dançar e estás ausente,
mas eu sei em que tangos te escondeste
e em que valsa ou bolero te disfarças.

Os desamparos do amor
me deixam tão transtornado
que eu anarquizo o carteadado
(canto flor e contra-flor)
até que alguém, por favor,
cale os boleros e os fados.

As cicatrizes do amor
eu sinto e trato sozinho
em bebedeiras de vinho
e em lágrimas sem pudor.

O amor que me felicita
volta entre março e agosto;
às vezes, tem outro rosto
ou traz o mesmo, mas pinta.

A história do meu amor
é obra de cinco autoras:
a que incendiava lavouras
enquanto dançava nua;
quem me olhou no olho da rua
e a rainha sem coroa
e a virgem das três lagoas
e a que não disse: “sou tua”.

Amor bandoleiro

DO VENTRE DA VIDA INTEIRA

O meu amor bandoleiro
não se entrega sem lutar;
se desacata, maltrata e assalta,
quer mesmo é se sustentar;

o meu amor campesino
só se dá quando confia;
se toma roça, se apossa e produz,
quer mesmo é ter moradia;

o meu amor passageiro
não se orienta sem andar;
quando se acha e marcha e voa,
quer mesmo é se governar.

Irei aonde irás.
Já sei quem és,
o amor que a gente faz
e quando.
Eu ando por teus pés,
me levas por aí
como anda o sangue em ti,
sambando.

O povo ao acordar, dias atrás,
se viu com outro olhar, mais brando.
Quem sabe, foi por nós,
um par de colibrís
que desperta o país
amando.

Se o povo, sem beijar-se,
se deita a descansar,
me beijas devagar
amando aos poucos.
Então, quando percebe
cheiro de amor no ar
o povo ama e bebe
bebe e ama como louco.

Quando mais me parece impossível,
mais se alegra o jardim,
como se conquistasse por mim
as paixões e os amores felizes
de alguns trechos de filmes,
livros e folhetins;

quanto mais me aproximo do outono,
mais floresce o jardim,
como se despertasse por mim,
das ruínas de mil pandemônios,
as paixões dos meus sonhos
e uns amores sem fim;

mas é tarde- nos becos de Roma,
Buenos Aires, Pequim e Madri,
na nascente e na foz do Amazonas,
em Paris, Istambul ou Chuí,
se me arderam paixões, esqueci,
e o que eu soube do amor me abandona;

vão de mim ilusões e memórias
e paixões e perfumes e orquídeas
e romances de ocasos e auroras
e as palavras mais ditas e ouvidas.
Haja sol sobre as ruas floridas!
Eu, com flores e luz, vou-me embora.

Eu ando a inventar cenários
que enfeitem o nosso amor
como o sol faz, ao se pôr,
e fazem sempre teus lábios.
Derramo luzes nos bairros
e estrelas no cobertor,
transformo tijolo em flor
e animo as cores de maio
com precisão de operário
e inspiração de pintor.

Levanto, com grãos de areia,
cidades do teu agrado,
chamo os ventos a bailados,
perfumo rios com gardênia,
em alvoradas boêmias
ensaio coros de galos,
mil ruas tenho bordado
e, em canteiros de avenidas,
sonho namoros de orquídeas
com garnisés fantasiados.

Sobre palcos campesinos
eu te ofereço uma festa
em que se neguem às rédeas
tropilhas que ainda imagino
e se rebelem violinos
contra a apatia da orquestra
e o gado assumo o domínio
de cercas de arame e pedra
mostrando como se quebra
regra de imposto destino.

Aos que podem neste estado
reclamo leis e magias
que anulem noites e dia
que vivamos separados.
Confessarei meus pecados,
aumentarei meus fracassos
e hei de mentir que são falsos
os fogos desses feriados
em que dançamos descalços
sobre um viaduto enluarado.

Pra mim não tem importância
se o mundo é grande ou pequeno;
me acolhem braços morenos
entre o futuro e as lembranças
e o que é sem tempo e distância
eu quero mais, nunca menos

águas de mar, luz de Vênus...
meu endereço varia
desde a paixão que conheço
à que virá qualquer dia
com tão feliz fantasia
que há de vestir-me ao avesso

não quero aço e concreto
nas obras de meu destino;
me basta só um fio franzino
unindo cada projeto
do itinerante arquiteto
que é o coração feminino.

Vera corre e abre a porta
se buzina um caminhão.
Pode ser o gás chegando
mas, quem sabe, chegou João.

Ele vem-que-vem na estrada,
terminando outro carreto,
trazendo febrís histórias,
falsas joias e um soneto.

O assobio veloz, intenso,
das panelas de pressão,
parece assobio do vento
que voa na contramão,
buscando, Brasil adentro,
talvez o luar do sertão.

No sul espera a morena,
contando as luas que se vão.
A saudade vale um poema:
dez noites de ausência são
dez lembranças obscenas
dez lágrimas no feijão.

Não é de hoje
que cheiroso amor de mato
surpreende a roça
reinventando o cio.
Verdes maçãs,
rubras manhãs,
guris bonitos como a fêmea que os pariu.

Não é de hoje,
nossas mãos de breve aceno
exploram dois corpos morenos e um roçado.
Dourado milho, vento andarilho,
saias azuis, os peitos nus, sabiás e o gado.

Copacabana talvez tenha amor assim,
pois mato e mar não devem ser tão desiguais
- tem sol e céu,
suor e o mel
que as febres loucas do prazer adoçam mais.

Janelas pras manhãs
e tanto sol e tanta luz.
Os galos e os perus...
Sangrados flamboyants...
A filha do patrão
ainda espera o peão
nas luas de promessa e nos dias azuis...

porém, não foi por nada
que esse guri de amar
danou-se a andar e andar
estrada e mais estrada.
E longe de esquecê-la,
sabendo que era em vão,
se amasiou com a estrela
mais próxima do chão.

Há tanto e tanto mundo
entre o galpão e a sala
que nem o exílio iguala
Diana e Juvenal.
O amor, quando começa,
já sabe o seu final
em luas de promessa,
sonhos de carnaval.

Se não for para andarmos aí
sobre nuvens e brasas
palcos pedras e águas
grama e fio de navalha;
se não for pra livrar-nos do nulo,
do nada, do zero,
vida, pra que te quero!?

Se não for pra podermos dançar
entre amantes e estrelas,
automóveis, gardênias,
chuvas, paixões acesas;
se não for pra sabermos de amor
muito mais que um bolero,
vida, pra que te quero!?

Eu me sinto feliz como sou,
talvez lúcida ou doida varrida;
sobre a cama, uma fêmea despida;
pelas ruas, esplêndida flor.

Povo em festa setembrina.
É um jardim o vilarejo.
E o que vejo, o que vejo
nos lençóis e nas cortinas
é o batom do último beijo
sobre auroras setembrinas.

Em qualquer beco latino
de sertão, cidade e mar
onde um tango libertino
exigir mais belo par,
meu olhar, que é setembrino,
vai florir pra te encontrar.

Passarão dias na estrada,
bois e povos, passarão
arco-íris, madrugadas,
procissões e até o verão
que essa amante enlutarada
preparou bordando à mão.
(essa amante enlutarada
preparou mas não fez, não).

Faça festa essa menina
por tamanho amor vivido
pra os poetas e os maridos
que liberta e desatina
entre sonhos coloridos
como as vidas setembrinas.

Pelas janelas e as portas
que eu escancaro pra o mundo,
desejo jardins em volta
de toda a gente e de tudo,
cores, perfumes, grãos, frutos...
a vida é tudo o que importa.

Olha a maravilha que a vida é:
ferida das sapatilhas,
mesmo assim danças balé

olha a maravilha que a vida é:
se a treva engana a andarilha,
vento a leva aonde ela quer

olha a maravilha que a vida é:
se a tua voz já não brilha,
ainda te aplaudo em pé.

Quando uma boca pintada
e outra molhada de vinho
se encontram na madrugada
o tempo corre sozinho,
porque Isabel, namorada,
ama com Tião no seu ninho.

Foi no bailão do Dinarte
que se formou o casal.
Ele, tropeiro e mascate,
passeava na capital,
ela era porta-estandarte
frustrada de carnaval.

No ônibus do meio-dia,
sem fantasia na mala,
veio Isabel que fugia
sem multidão a saudá-la,
só com Tião que sorria
mais lindo que um mestre-sala.

O povo lá da fronteira
já sabe onde anda esse par
quando dá flor a roseira
em meio a enchentes de luar
e teme ser passageira
tanta vontade de amar.
Mas quem foi porta-bandeira,
quem é violeiro e peão
conhece bem as matreiras
manias do coração.

Eu levo a vida entre milongas lentas,
milongas feitas pra levar a vida.
Às vezes são acenos de quem parte,
às vezes são acenos de boas-vindas.
Eu tenho uma milonga que te acena
de todas as manhãs onde eu estive,
das pátrias que não fiz- pra te ver livre-
feliz e doce milonga morena

Não sonhes teu cantor com outro ofício
- um construtor de sonhos ou de estradas;
eu vivo a construir-me desde o início
e sei que ainda sou obra inacabada,
mas tenho uma milonga que te acena
em brisa campesina ou suburbana,
feliz e doce milonga morena,
prendada, sim, mas bem mais haragana.

Foi tudo o que aprendi lá na fronteira
onde o pampa me fez e o mar me fez
e a vida me ensinou que a sensatez
é freio de paixões e desatinos;
foi lá que me ensinaram que o destino
se faz a cada dia, a cada mês.
Não vês, morena, ainda sou menino
dizendo sim e não e não talvez.

Eu aprendi milongas, castelhano,
tangos e valsas e andar no escuro.
Me importa pouco o rumo do futuro,
eu tenho tua lembrança por querência.
Então, feliz de mim, cultivo hortênsias,
palmeiras, girassóis e uma esperança.
Não vês, morena, sou tua criança,
não ganhei vida pra chorar tua ausência.

Todas as frases ditas e escritas
pra festejar nossos amores,
quando partires
leva aonde fores
pois nunca mais hão de ser tão bonitas.

Mãos de desejo na flor das peles,
nossas ansiosas vozes
desprezam rosas,
lírios-do-vale...
meigas, safadas, perseguem suores

Nossas palavras, nossas parceiras
meio caseiras
meio mundanas
meio contidas
meio festeiras
- sons de sanfona em paisagens urbanas.

No tempo

DO VENTRE DA VIDA INTEIRA

Virás
de manhã, quem sabe.
Virás, virás, virás
quanto menos tarde
se a paixão te arder
demais.

Voltar
ansiosa sangria
será, será, será
como eu voltaria
como eu já bebia
o gás, o gás, o gás.

Virás
ardente e profana
como febre urbana
feito quem se engana
ou se enganou no adeus.

Cidade aberta o coração
te guarda um bar
te oferta um chão
e vás chegar com beijos tão gentis
que eu, de feliz,
te negarei a mão.

Paixões de roça e de mar
acordam ventos gerais
se é noite de delirar,
amar demais;

paixões de roça e de mar
acalmam os quatro ventos
se é noite só de ninar
com beijos lentos.

Nas horas de dizer nada,
por falta de alguém que ouça,
perfuma-se aquela moça
que tem paixão cultivada;
seu homem às vezes rude,
às vezes macio de chuva,
virá com flores de açude,
desejo e cachos de uvas;

nas horas de dizer nada,
por falta de quem responda,
perfuma-se aquela amada
que tem paixão vinda em ondas;
seu homem de gestos largos
- que assim o mar acostuma -
virá, com dedos de espuma,
cair em rede de afagos.

As moças desta fazenda
não se amoremam na praia,
mas quando o dia desvenda
as frestas das samambaias
Joana se expõe entre rendas,
Cecília em véus de cambraia
- se o sol aos corpos se emenda
noite tem mimo e gandaia;

os moços deste roçado
se amoremam sem notar,
porém de sábado em sábado,
se há tempo pra namorar,
deslizam mãos oportunas
roçando em peles morenas,
quase pétalas noturnas
- petúnias, não açucenas;

as moças de outras fazendas
não querem se amorenar,
mas quando escutam as lendas
de amores que ardem no mar,
por mais que o campo se estenda
na areia é que vão deitar
- se houver amor que as acenda,
inteiras vão se queimar.

Todas as manhãs, solenemente,
ela inaugura uma ilusão,
se der tempo ainda escova os dentes
e beija o amante de plantão.

Todas as manhãs, mesmo as chuvosas,
ela homenageia com soneto,
ouve o noticiário, planta rosas
e convida o sol a um café preto.

Sei que essa morena, quando acorda,
olha tudo atenta, qual vigia,
e se é dia escuro, pinta e borda
até resgatar a luz do dia.

Sei que esta canção ainda é pequena
pra que eu dome, enfim, seu coração.
Mas deve agradecer a essa morena
que trabalha em volta do fogão.

Saudosa boca de moça
adoça minha saliva,
é por paixão que começa
cada razão pra que eu viva

me apaixonei por ser livre
no real e no imaginário,
sou peixe – escapo ao aquário
sou ave – escapo à gaiola
aprendi, não só na escola,
a vencer ventos contrários

me apaixonei por cantar
de manhã, de tarde, á noite,
e quando já não me escutem
as musas do meu outono
seguirei cantor sem dono,
aplauso, pouso e limites

saudosas bocas de moças
adoçam minha saliva
e aromas de madressilvas
acordam novas promessas.
É por paixão que começa
cada razão pra que eu viva.

Ela vende geleia, laranja, feijão,
bem-me-quer, azaleia e rosa em botão,
escultura de santo, ilusão a quem queira
sonhar como sonham as porta-bandeiras.

Ex-rainha de blocos, bailões e forrós,
musa dos trovadores destes cafundós
usa amenos perfumes de flores campeiras
e atíça o ciúme do belo da feira.

Ela vende passagem ao fim do arco-íris,
esperanças eternas pra quando partires,
vende arroz, tangerina, espelho, colar
e um cravo vermelho semeado ao luar.

Ela vende retrato de artista e de miss,
aguardente de cana, essência de anís,
mas se nega a vender mesmo pra namorados
um romance rasgado de final feliz.

Eu quis vinho e serviram gasolina,
o tesouro do reino virou vidro,
o meu príncipe agiu como bandido,
toda corte encharcou-se de propina;
as bonecas de pano e cartolina,
protestando que armário é igual presídio,
incendiaram CDs, fitas de vídeo
e o que mais não foi meu quando menina.
Veio a hora em que o sol vaza a cortina
e acordei quase à beira do suicídio.

Tive um dia empoeirado de rotina,
minha estrela das tardes se apagou,
o meu tédio impediu que eu fosse ao show
de uma rosa acrobata e dançarina;
o romance do herói e da heroína
já no meio do filme se acabou
como artigo banal de camelô
ou história que rola em cada esquina.
Quero a febre da musa clandestina
que apaixona o violeiro no metrô.

Meu olhar não tem mais
a amargura dos tangos
e, verás, nem meu tango é triste mais.
Se é por joias que esperas,
ganharás primaveras,
pérolas e diamantes,
rubís e corais

e terás noutras pedras
portuárias, de cais,
um bailado de pássaros e sóis,
fogos contrabandeados
de olhos de namorados,
vinhos, brilhos de luas,
estrelas, faróis.

Meu olhar de marujo
que ao porto se exhibe,
foi da pampa ao mar do Caribe
e voltou porque quis.
Veio primaveril e lhe basta,
veio com pedrarias de festa,
veio por teu amor e, se gostas,
te dá um tango feliz.

Eu sou a pétala solta
que um dia te encontra,
te enfeita e te afaga;
noutro se desorienta:
sou feito uma lenta
paixão que embriaga

ALÉM-FRONTEIRAS

Livro 4

Eu sou a negra maluca
do sempre e do nunca,
do oito ou oitenta;
sem freio n'alma e na boca,
sou feito uma louca
paixão que arrebenta

e, de repente, sou outra;

eu sou a pétala solta
que um dia te encontra,
te enfeita e te afaga;
noutro se desorienta:
sou feito uma lenta
paixão que embriaga;

creio na espécie das fêmeas
paridas com preces
e férteis de poemas;
e, fantasiada de eu mesma,
paixão desvairada,
profano a quaresma.

Viva, me vou vida adentro,
que o vento de travessia
é o mais propício dos ventos
pra outro porto, outro dia;
fronteira não me confina,
paixão clandestina,
escapo ao vigia.

De onde eu vim

ROBSON BARENHO

Quem vê meus pés em valsa
mal sabe de onde eu vim.

Soa, cabaça!
Vibra, atabaque!
Delira, tamborim!

Eu vim de muito longe,
de terras que o mar lambe,
de onde se grita e o eco responde
“Batucajé! Candombe!”

Eu vim do carimbó,
do samba e do lundu;
bati zabumba no bendenguê
e no maracatu.

zé da silva beija flores quero quero João ninguém
caturritas bóias frias
todavia, tudo bem
passarinho voa longe
homem sonha um pouco além

zé povinho João de barro Pedro nada sabia
andorinhas deserdados bem te vi ao Deus dará
não tem grade que resista
quando os dois querem voar

revoada
céus da pátria
terra nova
migração
asa aberta ventania pé na estrada caminhão
pra viver até outro dia
tem de sobra céu e chão.

Florescei, cidades brutas!
Mãos feridas, florescei!
Brotai flores como plantas!
Ruas tristes, florescei!
Eu quero manhãs floreadas
como a Festa das Yabas.

Tem gerânios, rubras rosas
e papoulas pra Yansan;
pra Obá também tem rosas;
e mimosas pra Nanã.

Florescei, morros descalços!
Pedra e aço, florescei!
Brotai flores, campos gastos!
Braços frágeis, florescei!
Eu quero tardes floreadas
como a Festa das Yabas.

Tem crisântemos e cravos
- lindos cravos – para Ewá;
margaridas, rosas brancas
para Mãe Yemanjá.

Florescei, palavras duras!
Olhos vagos, florescei!
Brotai flores, águas turvas!
Jardins mortos, florescei!
Eu quero noites floreadas
como a Festa das Yabas.

Tem girassóis e alecrins
e mais rosas amarelas
pra Oxum, do amor e dos rios,
mais bela que todas belas.

Chegar ao próximo horizonte
e prosseguir, porque outros haverá;
atravessar o rio mesmo sem ponte,
sobreviver depois de naufragar,
saudar a farra esplendorosa
que o sol faz pra manhã desabrochar
vertendo cheiros bons,
como quem goza,
cobrindo as sombras ao se desnudar.

Se um dia muito nublado
me corta o passo e me assalta,
num passo nunca ensaiado
de saltimbanco acrobata
me ponho em pé do outro lado,
onde o viver me arrebatava
e não viver é pecado.

Tudo pode nascer na praça pública:
flores, plantas e plebes cidadãs,
gargalhadas, setembros, prosas líricas,
carnavais, passarinhos e manhãs;

tudo pode ser visto em praça pública:
as acácias, a chuva, o povaréu,
o romance que inventa a própria música,
o romeiro que, exausto, sobe ao céu;

a roseira dobrada à ventania,
o roceiro sem terra a cultivar,
o canteiro onde a lua acaricia
a princesa de azul que espera um par;

tem um príncipe atrás de uma cortina
já privado da voz do coração
anunciando que a praça se termina,
que o terreno amanhã vai a leilão
com um lote de estradas e uma usina;
mas resiste no palco a bailarina.

Aurora que rompe ardente
tudo aclara,
tudo inflama,
mas queima menos que o ventre
de Yansan dançando na cama.
Oyá Yansan, fogueira que se esparrama.

Yansan cria tempestade
e raio e vento furioso,
mas, se é de tesão que arde,
de dentro de Oyá sai gozo.
Oyá Yansan, fogueira onde o amor faz pouso.

Batuque, quando incendeia,
é porque Oyá incendiou
com o mesmo fogo que ateia
entre as coxas pra Xangô.
Oyá Yansan, mulher fogueira do amor.

Minha nudez, quando não vês,
é terra fria e estranha,
desabitada,
desalumiada
da chama que te assanha;

quando não vês, minha nudez
se expõe sem serventia,
destrambelhada,
desorientada,
vagando à revelia;

minha nudez, quando não vês,
me esconde, como um manto,
desenfeitada,
descabelada
entre saudade e espanto;

quando me vês, minha nudez
explode corpo afora
- fera excitada,
despudorada,
lava que te devora.

Se a paixão chegar de madrugada,
nem fecha os olhos, não dormirás,
mas mantém as luzes apagadas
pra essa intrusa, assim, não ver que estás
tão confusa quanto enfeitiçada.

Se a paixão chegar de madrugada,
finge que jamais andaste atrás,
jura que tens tudo o que te agrada
e resiste até não poder mais,
mente que te sentes conformada
com noites sem graça e sem surpresa,
que paixões já são águas paradas
num lago sem curso e correnteza.

Mas se essa paixão da madrugada
der para entornar essa represa,
mais feliz e bem mais indefesa
te agarra à visita inesperada.

Quando o som do tambor corta o silêncio
pode ser que a multidão não ouça,
como um grito rouco sob um lenço
e o clamor que esgota a viúva moça;
mas se o som do tambor vence o silêncio,
é a vida que, ao se impor, lhe empresta força.

Quando a voz do cantor rasga o escuro,
pode não abrir mais do que uma fresta,
como a mão do pintor que quebra o muro
e a palavra de amor que às vezes resta;
mas se a voz do cantor vence o escuro,
é luz de refletor em cor de festa.

El siglo 21 não me fará mais moça
y eso es de las cosas
que não posso evitar,
no puéden los amantes
nem os ilusionistas,
no puéde el delirante
borracho deste bar;

entonces, adelante
porque a estação 2000
la hace un alvanil
que nunca se cansou,
un solitário viejo
a quem chamamos tempo,
um sábio construtor
venido de muy lejos.

El siglo 21
é um ponto de fronteira
sin marco ni bandera,
sem guarda na passagem;
una ciudad de calles
abertas a quem chega
- poetas, operários,
estrellas andariegas...

** (Os versos de Além-fronteiras, com músicas de João de Aquino, Leonardo Ribeiro, Zé Caradípia, Kako Xavier, Talo Pereyra e Ivaldo Roque formaram o álbum gravado pela cantora Loma em 1999 e contemplado com os prêmios Açorianos de Melhor CD e Melhor Intérprete de MPB).*

Amanhã, desse chão,
não terás nada
nem um pé de feijão,
nem um fio de água

NEM FEIJÃO NEM ÁGUA

Livro 5

Se pensares que são tuas,
meu senhor, minha senhora,
toda a fauna, toda a flora,
as quatro estações e as chuvas;

se pensares que dominas
a vazão de cada fonte
e ordenas dias e noites,
brilho do sol ou neblina

amanhã desse chão não terás nada,
nem um pé de feijão, nem um fio de água

se acreditas que governas
o fogo que pões na mata
e a sede que se desata
quando arde o ventre da terra

se acreditas que conduzes
os ventos a teu serviço
e a vida como um ofício
de gastar sombras e luzes

amanhã, desse chão, não terás nada
nem um pé de feijão, nem um fio de água.

Ibirapuitã Uruguai Jacuí Guaçu
Subaé Araguaia Mearim Juruá
Nunca mais, homem mau, nunca, em rio nenhum
beberás águas puras de Oxum e lemanjá

Vão pelos rios deste país dourados, bagres, mandubés
sobrevivendo por um triz ao desalmado que tu és,
mas aí de ti, pois já verás: te cercarão, águas e bichos,
de todo o esgoto e todo o lixo com que agrediste as orixás

Cipamaroti, Camaquã Jaguarão Xingu
Canindé Tietê Paranã Tinguá
Nunca mais, homem mau, nunca, em rio nenhum
beberás águas puras de Oxum e lemanjá

Já vai tua casa cheirar mal, a tua fábrica ruir,
morrer de sede o canavial, tua mulher negar-se a ti
até que um rio e outro e outro, desde a nascente até a foz,
se livrem do lixo e do esgoto com que feriste todos nós.

Força bruta abate as matas tropicais
que emprestam verde ao estandarte
desta nação de desiguais:
o que tem muito e junta mais,
e o que tem pouco e reparte

Chico, acode aqui,
clama o suiriri,
que a cobiça arrasa pau-brasil, inhamuí

Cortes e queimadas das matas tropicais
ferem no peito a pátria amada,
ferem pior que vendavais
pra impor aos povos florestais,
obra, lavoura e boiada

Chico, acode aqui,
clama o tachuri,
que a ganância arrasa jatobá, jaborandi

Cinzas e outras ruínas, chagas na paisagem
invadem almas e retinas e acordam mil calamidades..
Ó, pátria, que teus rios te lavem
e o povaréu te mude a sina.

Há tempos ninguém me diz
“tenha bom dia, vizinha”;
acho que a gente caminha
pra se asilar num país
com sala pintada em gris,
banheiro, quarto e cozinha;

às vezes tento conversa
no corredor, na janela;
quem dera, todos têm pressa,
trabalho, escola, novela...;
e olhos de medo ou cautela
perguntam “mas quem é essa?”

Que raios de condomínio!
Onde é que eu vim parar!?
Não pode ser meu exílio
onde eu sonhava meu lar
e até ouviria cantar
dois rouxinóis de alumínio.

Quais árvores terá? que frutos
- de tantos que provei e dos que não provei-
irão saciar os bons, os mansos, justos
e adoçar os mais brutos dos fora-da-lei?

Será em Tumucumaque?
nos céus? em Juruena?
Grande Sertão Veredas?
bosque, jardim ou parque?
além do mar, quem sabe,
ou nem tão longe assim
haverá luz sem fim
e gente sem idade?

quais pássaros terá? que peixes
e que animais do chão?
que sinfonia aérea
espantará de vez,
de um paraíso desses,
todas pragas divinas
e humanas misérias?

será em Itatiaia, Tijuca ou Amazônia?
Fernando de Noronha?
África, Europa, Ásia?
Chapada Diamantina?
Onde será que a gente
fará que chova e vente
o bem que não cultiva?

Uma flecha só- porque é de Oxóssi
e ninguém detém, ninguém desvia-
sempre vencerá o que nos negar
o trabalho e o pão de cada dia.

Okê okê okê arô
protege mato e campo, caçador
okê arô okê okê
nos dá fartura e força pra viver

Uma flecha só – porque é de Oxóssi,
o que caça e acha e abre caminho –
sempre vencerá o que maltratar
povo, peixe, planta, passarinho.

Nas manhãs claras, primaveris,
dessas azuis do início ao fim,
sinto que, sim, vivo feliz
sempre que sou dona de mim

dona do passo em falso, do passo firme,
da coragem que acusa o crime e o autor;
dona de tanto amor que nem cabe em filmes,
tanto que fere a voz de qualquer cantor

dona do olhar na casa, nos horizontes
que a cidade retalha e quase me nega;
dona do olhar no mar onde nada é longe,
nada é pra lá do sonho a que o mar me leva.

Não precisas de entrar no feicibuqui
pra saber quem eu sou, onde vivi.
Conto já: minha pátria é por aí
entre tango, baião, roque e batuque.
Não há nada que viva e não me eduque
e nem truque ou promessa que me iluda.
Se te anima confiar que deus te ajuda
te direi que assim seja a vida inteira,
mas atentes aos fatos, companhia,
flor calada não é igual flor muda.

Eu percorro o Brasil sempre que posso
- o agreste o sertão a pampa a praia-
repartindo da flor da minha laia
as paixões de abalar da alma aos ossos,
dividindo as migalhas quando almoço,
animando jardins sob a fumaça.
Se me dás um jasmim, planto uma praça;
se me dás um abraço, te dou colo.
Tantas mães tem os filhos deste solo
que lhes custa temer qualquer desgraça

São de terra de fogo de água e ar,
são de bicho e de gente fêmea e macho
as palavras que escrevo e assino embaixo,
as palavras que solto a céu e mar
com perfume da flor mais popular:
a esperança colhida rua afora.
Canto verso festivo pra quem chora,
canto verso amoroso pra quem pena
e onde o povo já canta, eu entro em cena,
digo um verso bonito e vou-me embora.

A vida chama, me atiro
com tudo- palavra e gesto;
semeio aplauso e protesto
à força do ar que respiro
cheiroso a lavanda e lírio
que multiplico e empresto.

Eu e o homem que me adora
sonhamos o mesmo sonho:
o trigo se impõe ao joio.
Aonde eu danço, ele aflora,
onde eu governo, ele mora
e é lar ou é pandemônio.

E viva o mundo, afinal,
que a gente num sonho só
se negue a voltar ao pó
enquanto reste um quintal
enfeitado, ainda que mal,
pra carnaval e forró.

Ao sol raiar e ao sol se pôr
rompe beleza igual
no litoral, na capital,
no interior;

ao sol se pôr e ao sol raiar
jorra lindeza tal
que até o mal cede, afinal,
vez e lugar

quem acredita e quem não crê
que foi um deus que ordenou “luz”,
deve escutar uirapurus
cantando a cada amanhecer,
deve plantar, cuidar, colher
com devoção de quem produz
improvisar maracatus,
sambas de roda, bendenguê

quem acredita e quem não crê
que foi um deus que ordenou luz
prove a beleza que reduz
o drama de ser ou não ser,
prove do fogaréu que arder
dos corpos dos amantes nus
coma de tudo que o seduz
beba e se farte de viver.

Mesmo antes de que nos livros
constasse o nome de América,
aventureiros da Iberia
deram-se a matar nativos
no mais vasto genocídio
praticado em qualquer época

MEMORIAL DAS TREVAS

Livro 6

Eu, em verdade, vos digo
que, em nome de reis e Deus,
dois impérios europeus
mataram milhões de índios

à força de espadas vírus
arcabuzes bactérias
mosquetões doenças venéreas
varíola tétano tifo,
mesmo antes de que nos livros
constasse o nome de América,
aventureiros da Ibéria
deram-se a matar nativos
no mais vasto genocídio
praticado em qualquer época;

chegaram com bugigangas
- chapéus espelhos campainhas;
logo as armas, as marinhas
e exércitos em campanha,
a dominar as colônias
e seus índios e suas índias;

fidalgos colonos padres
cães bois galinhas cavalos
sementes vocabulários
e bênçãos e estandartes
artilharias altares
escravidão e rosários.

Ai de vós, índias e índios
de minguada produção
que acorreis à rebelião
supondo em vosso domínio
a escolha de bom destino
e por justa direção

ai de vós, índias e índios
que ousais insistir que não
ante a ordem de expulsão
do chão de vosso convívio
de vossos pais vossos filhos
bisavós avós irmãos

ai de vós, índias e índios,
que credes, porque cristãos,
que é infinita a proteção
que vos concede o divino;

ai de vós, índias e índios,
já não tendes mais perdão
perecereis na invasão
de militares bandidos

ai de vós, índias e índios,
não tereis outro verão

ai de vós que recusais
obediência a quem deveis
é com vassalos que os reis
contam na guerra e na paz
vereis que isso não se faz
levantar-se contra as leis
que aos soberanos convém
porque os enriquecem mais

ai de vós que desprezais
das lições o seu contrário
jurastes pelo santuário
mas são de ouro as catedrais.

São dois mil índios, ou menos,
e quase todos a pé;
mais do que mil e quinhentos
morrerão em Caibaté

são dois mil índios, ou menos,
e nem cinquenta a cavalo
diante de três mil soldados
de água e de sangue sedentos
- tropa de dois grandes reinos,
ambos por Deus abençoados;

sob céu de fevereiro,
azul ao sol de verão,
se espalhará sobre o chão
e inundará o pasto seco
um charco vermelho e denso
de sangue só, de água não;

brotará de corpos moços
- indígenas quase todos;

brotará de corpos moços
mortos a ferro e a fogo,
rasgados de vários modos,
cada qual mais horroroso;
partidos em membros, troncos
e cabeças sem pescoço;

quarenta canhões furiosos
vomitarão carga e carga
e milhares de outras armas
romperão carnes e ossos
pra anunciar a sete povos
que opor-se a reis leva ao nada;

são trinta mil condenados
às armas de dois impérios;
então, seus sete povoados
serão missões-cemitérios
de crianças mulheres homens
jovens adultos e velhos;
todos iguais – desgraçados
irmãos sob os evangelhos.

Tem mais de século e meio
entre o que havia e o que há.
Sem terra era então gaudério,
sem emprego, posse ou lar
- famílias perambulantes
em busca de onde acampar
(tem mais de século e meio
e algo se fez continuar)

Tem quase duzentos anos
entre o que havia e o que há.
Índio era peão ou tropeiro
até a hora de guerrear,
negro era coisa de branco
- propriedade a explorar.
Estancieiro era estancieiro,
dono de tropa e lugar.

Elites-povos-elites
desde antes e até estes dias
- que solitários limites
há entre o que há e o que havia!

Peão era um pouco gente,
igual a artista, soldado,
operário e mais alguns
- nenhum menos maltratado
(será o tempo o que mais muda
entre o presente e o passado?)

Tinha outra gente mais gente
do que o povaréu citado
havia oficiais das armas
(mais soldados que os soldados),
professores, comerciantes,
charqueadores abastados.
Estancieiro era estancieiro,
dono da terra e do gado.

Aqui me ponho a cantar
romance de antipoesia
desses em que as três marias
cegam em vez de orientar
heróis se afogam no mar
e em frente à casa vazia
dama-da-noite doentia
se acaba sem flor e luar

desses em que dois cantores
de trovas férteis festivas
dessangram em carne viva
sem melodias e amores
desvivem entre clamores
assombrações fugitivas
sílabas sopros saliva
trevas e talvez fulgores

desses em que a dor flagela
o rio inunda o sol some
a adaga rasga o abdome
e o sonho da sentinela
não resta estrela amarela
não há mais jardim que arome
e nem pão que abrande a fome
da viúva que se escabela

romance de roupas rotas
utopias estropiadas
memórias alucinadas
de horror e paixão entre outras
romance de feras soltas
e danças desesperadas
mortalhas de barro geada
pasto seco águas revoltas

desses em que morte e vida
se opõem palavra a palavra
às vezes porque uma escrava
se vinga em cama proibida
ou porque a barca vencida
ninguém aprisiona ou salva
é algo que explode e já é nada
como os vinte e dois suicidas

desses em que o monstro avança
sobre a ralé desarmada
corta cabeças à espada
perfura corpos à lança
se empolga pela matança
é celebra a madrugada
com vômitos de espingarda
e insultos de ódio e vingança

desses em que tropa insana
assalta arromba golpeia
mutila estupra incendeia
devassa corrompe dana
bebe gargalha profana
destrói mata saqueia
um povaréu e sua aldeia
de areia e brisa oceânicas.

Ai esse campo sem ele
a casa a sala o quarto a cama
meu corpo sem sua pele
seus braços seus lábios o cheiro a chama

Ai este rancho sem ele
o chão os pelegos as noites os dias
as cercas azuis e verdes
e secas e chuvas e ausência e neblinas

ai a senzala sem ele
o sonho sem ele a fuga a alforria
iansã, minha mãe, valei-me
com sangue, valei-me, fogo e ventania

foi sem um bom motivo
foi não importa como
eram bonitos vivos
marido amante noivo
eram valentes vivos
agora só nós somos.

Não foi caso de abrir vala
nos campos da Carolina
a morta fora enterrada
e era pátria ainda menina
vítima de espada e bala
de inanição e de intrigas

fora morta e sepultada
por múltiplas mãos ativas
umas de quem a criara
e não mais a queria viva
algumas mãos desastradas
e outras de tropa inimiga

em data ainda imprecisa
entre setembros e marços
entre a pampa e suas divisas
aos lados, acima e abaixo
entre linhas e entre dias
de mapa e de calendário

foi de papel e palavras
feita a última ferida
não a mais funda e mais grave
porém a definitiva
a que dispensa outra frase
e evita outra despedida

foi de papel e palavras
a derradeira ferida
não a mais feia e mais larga
e nem a mais dolorida
porém a mais fantasiada
como se ainda houvesse vítima
como se a vítima fosse
algo mais do que fictícia.

Branca negra índia mestiça
gente de vilas e campos
- desigual por berço e mando
e crença e cor e cobiça-
fez pátria o que era província

flor de pátria insubmissa
como paixão tempo e vento
foi alçada história adentro
por paisanos em milícias
entre reais e fictícias
façanhas e mil tormentos

mais de trezentas peleias
mais de três mil homens mortos
da dor de viúvas e órfãos
só quem sofreu teve ideia
custou caro essa epopeia
de sonho e sangue e destroços

um país de três mil dias
e de mais treze semanas
um projeto de obra humana
com miséria e maravilhas
nação forjada em guerrilhas
e outras lutas cotidianas
a pátria republicana
do anseio dos farroupilhas

nação, porém sem parceira
país, mas inda menino
campo céu pedra água areia
povaréu bandeira e hino.

CANÇÕES



A FESTA DAS YABAS

(João de Aquino/Robson Barenho)

Loma no CD Além-fronteiras / 1999

ALÉM-FRONTEIRAS

(João de Aquino/Robson Barenho)

Loma no CD Além-fronteiras / 1999

AMOR BANDOLEIRO

(Ivaldo Roque/Talo Pereyra/Robson Barenho)

Flora Almeida no LP VIII Ciranda Musical/ 1987

APRENDIZ DE POETA

(Talo Pereyra/Robson Barenho)

Talo Pereyra

ACESSE O VÍDEO

ASSOMBRADO

(Hilton Vaccari/Robson Barenho)

Zé Caradípia

ACESSE O VÍDEO

BRAÇO, PAIXÃO E FÉ

(Talo Pereyra/Robson Barenho)

João de Almeida Neto no LP 5º Acampamento da Canção Nativa / 1988

BRASILHANA

(Talo Pereyra/Robson Barenho)

Neto Fagundes no LP 4º Musicanto Sul-Americano-1986 e no LP-CD Gauchesco e Brasileiro / 2003; Duo Pontal no CD Entre Amigos / 1999; João de Almeida Neto no CD Brasileiro e Castelhana / 2010; Buenas e M'Espalho no CD #Buenas_2 / 2011; Clary Costa no CD Amiga / 2012; Nina Wirtti no álbum Flor da Estrada 2023

Nina Wirtti

ACESSE O VÍDEO 1

ACESSE O VÍDEO 2

Neto Fagundes

ACESSE O VÍDEO

Raphael Madruga, Mauro Moraes e Léo Almeida

ACESSE O VÍDEO

Raphael Madruga

ACESSE O VÍDEO

Buenas e M'Espalho

ACESSE O VÍDEO

Loma e Pirisca Greco

ACESSE O VÍDEO

Antonyo Rycardo

ACESSE O VÍDEO

João de Almeida Neto

ACESSE O VÍDEO

Talo Pereyra

ACESSE O VÍDEO

CANTIGA DO OFERECIDO

(Talo Pereyra/Zé Caradípia/Robson Barenho)

Luís Eugênio no LP 4º Musicanto Sul-Americano / 1986 e no LP Voltando / 1987

Pablo Costa

ACESSE O VÍDEO

CANTO DA RODA

(Ivaldo Roque/Talo Pereyra/Robson Barenho)

Raul Elwanger e Nana no LP 9ª Califórnia da Canção Nativa / 1980

Raul Ellwanger e Nana

ACESSE O VÍDEO

CANTO POPULAR

(Talo Pereyra/Robson Barenho)

Neto Fagundes no LP 10ª Ciranda Musical /1988

Talo Pereyra

ACESSE O VÍDEO

CHEIRANDO A PRIMAVERA

(Talo Pereyra/Robson Barenho)

Nina Wirtti no álbum Flor da estrada 2023

Nina Wirtti

ACESSE O VÍDEO 1

ACESSE O VÍDEO 2

Talo Pereyra

ACESSE O VÍDEO

Daniel Torres

ACESSE O VÍDEO

COLIBRÍS

(Talo Pereyra/Robson Barenho)

Maria Luiza Benitez no CD 10ª Escaramuça da Canção e no CD A mi manera / 1997

CORAÇÃO FEMININO

(José Cabrera/Robson Barenho)

Laura Lobo no CD Vínculos 2014

CORPO AFORA

(Zé Caradípia/Robson Barenho) | Loma no CD Além-fronteiras / 1999

DANÇA (DE AURORAS E MANHÃS)

(Talo Pereyra/Mauro Moraes/Robson Barenho)

Talo Pereyra no LP 6ª Moenda da Canção / 1992

ACESSE O VÍDEO

DE COMPANHEIROS

(Talo Pereyra/Robson Barenho)

João de Almeida Neto no LP 17ª Califórnia da Canção 1987; Léo Almeida no CD | Fandango TVE / 1993

DE ONDE EU VIM

(João de Aquino/Robson Barenho)

Loma no CD Além-fronteiras / 1999

ACESSE O VÍDEO

DESATINADA (MILONGA FALA DO SÉCULO)

(João de Almeida Neto/Talo Pereyra/Robson Barenho)

João de Almeida Neto no CD Coração de Gaúcho / 2000

DE TERRA E LUA PAMPEIRA

(Talo Pereyra/Mauro Moraes/Robson Barenho)

João de Almeida Neto no CD 5º Canto da Lagoa e no CD 27ª Califórnia da Canção / 1997

Mauro Moraes

ACESSE O VÍDEO 1

ACESSE O VÍDEO 2

ACESSE O VÍDEO 3

ACESSE O VÍDEO 4

DEZ LUAS

(Talo Pereyra/Robson Barenho)

Loma no LP 2ª Primavera da Canção / 1988

DONA DE MIM

(Carlos Catuípe/Robson Barenho)

Loma no CD Mulher Em Canto / 2014

EIS-ME AQUI

(Talo Pereyra/Robson Barenho)

DVD 36ª Coxilha Nativista 2016

Talo Pereyra

ACESSE O VÍDEO 1

ACESSE O VÍDEO 2

ELES POR ELES

(Talo Pereyra/Robson Barenho)

Léo Almeida no LP II Festinver

ENFEITIÇADA

(Zé Caradípia/Robson Barenho)

Loma no CD Além-fronteiras / 1999; Zé Caradípia no CD Retina da Alma / 2001

ENTRE MARÉS E MINUANOS

(Talo Pereyra/Robson Barenho)

Flora Almeida no LP V Serra, Campo e Cantiga / 1988

FEITO BRISA

(Talo Pereyra/Robson Barenho)

João de Almeida Neto no LP 9º Musicanto / 1991

FELIZ

(Daniel Pereira/Robson Barenho)

Loma no CD Ziguezagueando / 2005

ACESSE O VÍDEO

FESTA SETEMBRINA

(Talo Pereyra/Robson Barenho)

Loma nos LPs IX Ciranda Musical / 1988 e Um mate por ti / 1992

ACESSE O VÍDEO

FLOREIOS, MUSAS E POEMAS

(Talo Pereyra/João de Almeida Neto/Robson Barenho)

João de Almeida Neto no CD e no DVD Vozes Rurais Acústico / 2006

ACESSE O VÍDEO

FOGUEIRA

(João de Aquino/Robson Barenho)

Loma no CD Além-fronteiras / 1999

FRONTEIRA

(Hilton Vaccari/Robson Barenho)

Kauanny Klein

ACESSE O VÍDEO

FRUTO NO ASFALTO

(Talo Pereyra/Robson Barenho)

Paulo Gaiger no LP 4ª Seara da Canção / 1984

GALOS DE ALDEIA

(Hilton Vaccari/Robson Barenho)

Léo Almeida

ACESSE O VÍDEO

IRINEU

(Talo Pereyra/Robson Barenho)

Glória Oliveira no LP 2º Musicanto / 1984

LAMBANÇAS DE CAFUNDÓS

(Talo Pereyra/Robson Barenho)

Glória Oliveira no LP Nossas Vozes – Canto de Povo e Liberdade / 1986;

Loma e Neto Fagundes no LP Eles, Os Intérpretes

Raphael Madruga

ACESSE O VÍDEO

LIBERANDO

(Ivaldo Roque/Talo Pereyra/Robson Barenho)

Beta Jaeger no LP Guarita da Canção/1980; Loma em Toda Mulher/1987;

Ernesto Fagundes/1995; Egisto Dal Santo Junior/2025

Loma e Ernesto Fagundes

ACESSE O VÍDEO

LUZ DE REFLETOR

(João de Aquino/Robson Barenho)

Loma no CD Além Fronteiras / 1999

MEMÓRIA DA PROVÍNCIA DE SÃO PEDRO

(Talo Pereyra/Mauro Moraes/Robson Barenho)

João de Almeida Neto no LP 1º Minuano da Canção / 2002

MERCOSUR 21 (PONTO DE FRONTEIRA)

(Leonardo Ribeiro/Robson Barenho)

Loma no CD Além-fronteiras / 1999; Leonardo Ribeiro no CD Ponto de Fronteira /2011

Loma

ACESSE O VÍDEO

MILONGA AMOROSA

(Talo Pereyra/Mauro Moraes/Robson Barenho)

Chico Saratt no LP 9º Reponte da Canção Crioula / 1993; César Passarinho no CD De Alma Leve / 1995

Chico Saratt

ACESSE O VÍDEO

Mauro Moraes

ACESSE O VÍDEO

MILONGA MORENA

(Talo Pereyra/Mauro Moraes/Robson Barenho)

João de Almeida Neto no LP da 13ª Guyanuba da Canção Nativa / 2003

NAMORADA

(Talo Pereyra/Robson Barenho)

João de Almeida Neto no LP 8ª Coxilha Nativista / 1988

NOITES VERDE-AMARELAS

(Talo Pereyra/Robson Barenho)

João de Almeida Neto e Neto Fagundes no LP 8º Reponte da Canção Crioula 1992

NOSSAS PALAVRAS

(José Cabrera/Robson Barenho)

Jô Alencar no CD Brasilidades / 2012 e Laura Lobo no CD Vínculos / 2014

Laura Lobo

ACESSE O VÍDEO 1

ACESSE O VÍDEO 2

NO TEMPO

(João Palmeiro/Robson Barenho)

Flora Almeida no CD João Palmeiro Águas Abertas / 1994

NOTURNA E LINDA

(Talo Pereyra/Robson Barenho)

Dante Ledesma no LP 3º Musicanto Sul Americano / 1985, no LP e depois no CD Dante Ledesma ao Vivo / 1994 e Ernesto Fagundes no LP Fagundaço / 1988

Florisnei Thomas

ACESSE O VÍDEO

Talo Pereyra

ACESSE O VÍDEO

O ANO 2000 E A TRADIÇÃO (SAUDADE DO FUTURO)

(Talo Pereyra/Robson Barenho)

Carlos Medina no CD 6º Canto da Lagoa / 1998

Talo Pereyra

ACESSE O VÍDEO

O MUNDO É NOSSO

(Kako Xavier/Robson Barenho)

Loma no CD Além-fronteiras / 1999

PAIXÕES DE ROÇA E DE MAR

(Talo Pereyra/Robson Barenho)

João de Almeida Neto no LP 5ª Moenda da Canção / 1991

PALCO

(Leonardo Ribeiro/Robson Barenho)

Loma no CD Além-fronteiras / 1999

PASSARADA

(Ivaldo Roque/Talo Pereyra/Robson Barenho)

Glória Oliveira no LP Projeto UniMúsica / 1984; Loma no CD Além-fronteiras / 1999

Raphael Madruga

ACESSE O VÍDEO

PÉTALAS NOTURNAS

(Talo Pereyra/Mauro Moraes/Robson Barenho)

Chico Saratt no CD VIII Moenda da Canção / 1994; César Passarinho no CD Milongueando essas lembranças tuas / 1996

Chico Saratt

ACESSE O VÍDEO

César Passarinho

ACESSE O VÍDEO

Adriano Tarouco

ACESSE O VÍDEO

POÉTICA

(Talo Pereyra/Mauro Moraes/Robson Barenho)

Neto Fagundes e Chico Saratt no CD 10ª Moenda da Canção / 1996

QUANDO O PIÁ FOR PEÃO

(Ivaldo Roque/Talo Pereyra/Robson Barenho)

Glória Oliveira no LP 7ª Ciranda Musical / 1984

RENEGANDO

(Talo Pereyra/Robson Barenho)

Neto Fagundes no LP 2ª Sapecada da Canção Nativa / 1994

REPARTINDO

(Talo Pereyra/Robson Barenho)

Neto Fagundes no LP 7ª Tafona da Canção/ 1995

ROMANCE CAMPESINO

(Talo Pereyra/Robson Barenho)

Paulo Gaiger no LP 6ª Ciranda Musical / 1983; Léo Almeida no CD Parceiros / 2000

ROMANCE DAS TRÊS VIÚVAS

(Daniel Pereira/Robson Barenho)

Loma, Greici Morelli e Patrícia Magallanes no DVD Mulher EnCanto / 2009

SALTIMBANCO

(Leonardo Ribeiro/Robson Barenho)

Loma no CD Além-fronteiras / 1999; Leonardo Ribeiro no CD Ponto de fronteira / 2011

SOBREVIVENTES

(Frederico Viana/Robson Barenho)

Frederico Viana

ACESSE O VÍDEO

SÓ MESMO VOCÊ

(Talo Pereyra/Robson Barenho)

Daniel Torres no CD 28ª Coxilha Nativista

SONHADORES

(Leonardo Ribeiro/Robson Barenho)

Leonardo Ribeiro no CD 23º Musicanto / 2009

TENHO DITO

(Talo Pereyra/Robson Barenho)

Rui Biriva e Daniel Torres no LP 5ª Seara da Canção / 1985

TREM DAS SETE

(Talo Pereyra/Robson Barenho)

Glória Oliveira no LP 7ª Ciranda Musical / 1984

TROVA PEREGRINA

(Robson Barenho)

Nina Wirtti

ACESSE O VÍDEO

VENTO SUL

(Talo Pereyra/Robson Barenho)

Neto Fagundes no LP 8º Grito do Nativismo Gaúcho / 1994 e LP

Retrospectiva do Grito do Nativismo / 1996

XUCRA E FORTE

(Talo Pereyra/Robson Barenho)

Ernesto Fagundes no CD 13º Grito do Nativismo; Shana Muller no CD
Gaúcha / 2004

Shana Muller, Ernesto e Paulinho Fagundes

ACESSE O VÍDEO

Mari Medina

ACESSE O VÍDEO

Composto com fontes Bebas e Calibri
Desenvolvido para acesso digital
pela editora Jornal do Mundo.



Acesse www.jornaldomundo.com.br

DO VENTRE DA VIDA INTEIRA

ROBSON BARENHO

Robson Cardozo Barenho nasceu em Santa Vitória do Palmar (RS), em 22 de abril de 1954. Jornalista a partir de 1972, trabalhou em alguns dos principais veículos de comunicação do Brasil.

Animado em Porto Alegre pelo músico e compositor Ivaldo Roque, começou a escrever versos em 1979. Produziu canções em parcerias com Ivaldo, Talo Pereyra, Mauro Moraes, Leonardo Ribeiro, João de Almeida Neto, Zé Caradípia, Hilton Vaccari, João Bosco Ayala Rodriguez, José Cabrera, João Palmeiro, Daniel Pereira, Raul Ellwanger, Kako Xavier, Carlos Catuípe, Frederico Viana, Beto Gonzales, Jorge Motta e Christian Davesac.

Em LPs, CDs e/ou vídeos, 67 músicas criadas por aquelas parcerias estão gravadas por Loma (20 canções), João de Almeida Neto (12), Neto Fagundes (8), Talo Pereyra (8), Glória Oliveira (5), Léo Almeida (4), Flora Almeida (3), Ernesto Fagundes (3), Nina Wirtti (3), Raphael Madruga (3), Chico Saratt (3), Mauro Moraes (3), Daniel Torres (3), Leonardo Ribeiro (3), Zé Caradípia (2), Paulo Gaiger (2), César Passarinho (2), Laura Lobo (2), Antonyo Rycardo, Beta Jaeger, Buenas e M'Espalho, Carlos Medina, Clary Costa, Dante Ledesma, Duo Pontal, Egisto dal Santo Junior, Florisnei Thomas, Frederico Viana, Greice Morelli, Jô Alencar, Kauanny Klein, Luís Eugênio, Mari Medina, Maria Luíza Benitez, Nana Chaves, Pablo Costa, Patrícia Magallanes, Pirisca Grecco, Raul Ellwanger, Rui Biriva, Shana Muller e Adriano Tarouco.



EDITORA
**JORNAL
DO MUNDO**